



## BAHIA

# Terror na área Pataxó. E mais um assassinato

Em adiantado estado de decomposição, o rosto desfigurado por picadas de aves de rapina e com unhas, dentes e órgãos genitais arrancados e ainda apresentando marcas de queimaduras no braço, foi como a Polícia Federal, a 29 de março, encontrou o corpo de Djalma de Souza Lima, índio Pataxó Hã-Hã-Hãe da área São Lucas, em Pau-Brasil (BA), que estava desaparecido desde o dia 21 do mesmo mês.

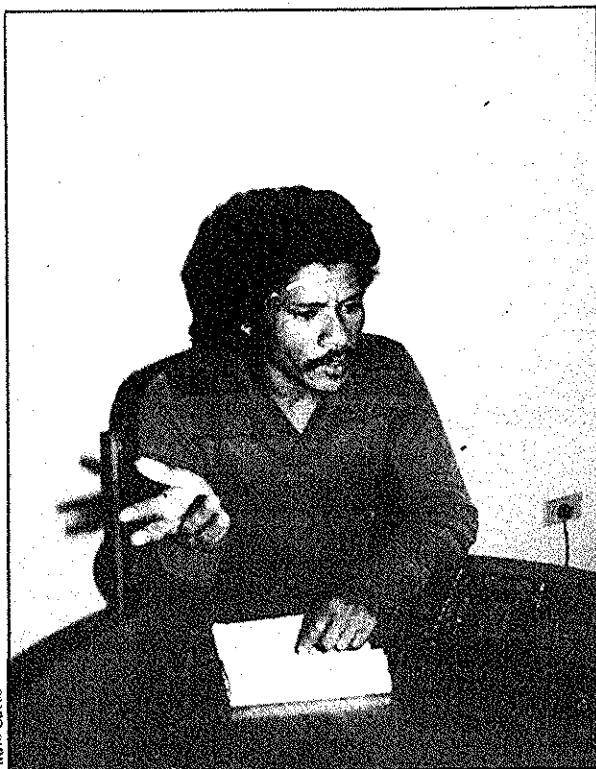
Tudo demonstra que o Pataxó, mantido em cárcere privado, foi morto por torturas após ter sido seqüestrado quando trabalhava na roça com outros 19 índios, e, em cerco preparado por pistoleiros que dispararam tiros contra o grupo, foi atingido e capturado.

Conforme acreditam os Pataxó, capturando Djalma, os pistoleiros queriam mesmo era chegar à grande liderança indígena local, que é Nailton Muniz, imaginando que, como já fez em ocasiões semelhantes, ele saísse em busca do companheiro, tornando-se, então, presa fácil. Como Nailton não apareceu, Djalma foi morto.

Ainda segundo os índios, os pistoleiros não desistiram de pegar Nailton, que esteve por um tempo afastado da área, por questões de segurança. Além disso — conta Evódio, o novo chefe do posto Caramuru — os fazendeiros ameaçam matar um funcionário da Funai e tudo indica que esse funcionário seja o ex-chefe do posto, Arceu, afastado do cargo após dar declarações em favor dos índios, clamando por justiça "para atos de tamanha selvageria praticada a mando de posseiros inescrupulosos que não podem permanecer impunes".

A Polícia Federal, que só iniciou buscas após três dias do desaparecimento de Djalma, ainda não havia indiciado ninguém, até o final de abril, apesar de evidências apontarem, como responsáveis pelo assassinato, pistoleiros do fazendeiro e invasor da área indígena, Pedro Leite. A polícia alegava não poder agir enquanto não tivesse em mãos o laudo antropológico, a ser emitido pela Funai, certificando que o índio morto é realmente um índio.

Até então, somente os índios tinham sido ouvidos e nem mesmo um mandado de busca foi conseguido para se verificar as denúncias de Pataxó mais velhos, de que há, na fazenda de Pedro Leite um porão onde sempre se esconderam os corpos de pessoas que seus pistoleiros assassinam a mando dele.



Nailton Muniz Andrade, líder pataxó: ameaçado de morte pelos fazendeiros, teve que ficar algum tempo afastado da área

### ACORDO

Nos últimos seis anos, sete Pataxó foram mortos e outros 30 feridos em conflitos de terras com fazendeiros de cacau e gado, que têm apoio do ministro Antônio Carlos Magalhães, da União Democrática Ruralista (UDR) e de políticos da Bahia.

Os Pataxó, atualmente encurralados em insuficientes 1.200 hectares de terra, apesar do direito histórico aos 36 mil hectares demarcados em 1937, propõem, desde setembro último, como saída para a região, um acordo com os fazendeiros. O acordo prevê a concessão, não espontânea, de metade de suas terras, ou seja, 18 mil hectares.



Antônio Jílio, Pataxó Hã-Hã-Hãe que ficou com a perna paralisada, em 1985, baleado por pistoleiros a mando de fazendeiros

A proposta pataxó foi entregue aos fazendeiros invasores através do secretário da Reforma Agrária e Cooperativismo do Estado da Bahia, Euclides Neto. A partir de então, fazendeiros radicais aumentaram a pressão, demonstrando não desistirem da retirada de todo o povo Pataxó daquela área.

### COMISSÕES

Em audiência com o governador Waldir Pires, no dia 15 de abril, o representante da comunidade São Lucas, João Cravim, pediu a ele, a Romero Jucá e demais funcionários da Funai presentes: "Nós queremos paz e solução rápida. Nós não somos passarinho para ficar morrendo assim".

Como resposta a João Cravim, apesar do jogo-de-empurra entre Funai e Governo do Estado, ficou a promessa de empenho pela solução da violência, constituindo-se, para tanto, uma comissão de acompanhamento à problemática indígena na Bahia, com prioridade ao caso pataxó. Da comissão fazem parte pela Funai, o procurador-geral Ronaldo Montenegro; o superintendente do Recife, Lucas Cardoso; o superintendente de Assuntos Fundiários, Daniel Marques de Souza, e o delegado interino Lúcio Flávio. Pelo governo da Bahia, estará o secretário da Reforma Agrária, Euclides Neto, e dois representantes de cada aldeia indígena farão parte do grupo.

Também na sessão especial da Assembléia Legislativa da Bahia, em 7 de abril, discutiu-se a possibilidade de formação de uma comissão interpartidária para acompanhamento da situação dos Pataxó. A sessão especial foi solicitada pelos deputados Luiz Nova (PC do B), Vandilson Costa (PC do B) e Sebastião Castro (PDT), exclusivamente para debater a problemática do índio, especialmente na Bahia.